

Urdimento

Revista de Estudos em Artes Cênicas

E-ISSN: 2358.6958

Estendemos nossas memórias ao sol

Caroline Vetori de Souza

Para citar este artigo:

SOUZA, Caroline Vetori de. Estendemos nossas memórias ao sol. **Urdimento**, Florianópolis, v. 3, n. 39, nov./dez. 2020.

DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/14145731033920200601>

Estendemos nossas memórias ao sol

Caroline Vetori de Souza¹

Resumo

A partir de uma oficina de teatro desenvolvida no Presídio Feminino de Florianópolis, com mulheres em situação de privação de liberdade, nasceu a peça *Estendemos nossas memórias ao sol*. Num dia de chuva, uma criança se depara com o desaparecimento dos avós. Somos convidadas a traçar junto a ela um caminho de busca de (re)encontros. A fábula é entremeada com memórias das atrizes. Uma memória feita de água pode ser transformada numa carta, em um convite para lançar ao sol, para estender no pátio, no solo público que é (ou deveria ser) mundo.

Palavras-chave: Dramaturgia. Presídio Feminino. Pedagogia do Teatro.

We extend our memories in the sun

Abstract

From a theater workshop developed at the Female Presidium of Florianópolis, the play *We Extend Our Memories in the Sun*. On a rainy day, a child is faced with the disappearance of his grandparents. We are invited to join the child in a journey, which is both a search and a series of encounters. The fable is interspersed with memories of the actresses. A memory made of water can be transformed into a letter, an invitation to throw in the sun, to stretch out on the patio, on public soil that is (or should be) the world.

Keywords: Dramaturgy. Female prison. Theater Pedagogy.

Estendemos nuestros recuerdos al sol

Resumen

De un taller de teatro desarrollado en el Penal de Mujeres de Florianópolis, con mujeres en situación de privación de libertad, nació la obra *Estendemos nuestros recuerdos al sol*. En un día lluvioso, un niño se enfrenta a la desaparición de sus abuelos. Estamos invitados a trazar con ella una forma de buscar (re)encuentros. La fábula se intercala con los recuerdos de las actrices. Un recuerdo hecho de agua se puede transformar en una carta, una invitación a arrojarse al sol, a extenderse en el patio, en el suelo público que es (o debería ser) el mundo.

Palabras clave: Dramaturgia. Prisión Femenina. Pedagogía Teatral.

¹ Doutoranda em Teatro pela UDESC. Mestra em Teatro pela UDESC. Licenciada em Teatro pela UFRGS. veticaroline@gmail.com

Estendemos nossas memórias ao sol

Esta dramaturgia é fruto do processo de pesquisa artístico-pedagógica desenvolvido com mulheres encarceradas no Presídio Feminino de Florianópolis, Santa Catarina, de fevereiro a novembro de 2019.

A prática se insere dentro das proposições do projeto de extensão *Pedagogia do teatro e processos de criação* e do projeto de pesquisa *Teatro e prisão: práticas de infiltração das artes cênicas em espaços de vigilância*, ambos sob coordenação do prof. Dr. Vicente Concilio². Ainda, a pesquisa estava atrelada a uma investigação de mestrado, que tinha como ponto de partida as histórias de vida das participantes, desembocando na dissertação *Estendemos nossas memórias ao sol: caminhos para uma dramaturgia da escuta com mulheres em privação de liberdade*³.

No trabalho buscou-se fomentar nas estudantes-atrizes a escrita e a contação de histórias, reais e ficcionais. A partir do processo, então, foi criada a dramaturgia, sendo resultante dos encontros de diferentes vozes e das trajetórias de vida.

² Doutor em teatro, pesquisador e professor na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

³ Dissertação defendida em 2020, desenvolvida na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), sob orientação do prof. Dr. Vicente Concilio.

Estendemos nossas memórias ao sol

Personagens

Netinho	
Vó	Vô
Bruxa	Pedra
Placa	Pessoa
Poça d'água	Caroneira
Motorista	Filha da motorista
Filha menor da motorista	Apresentadora
Pessoa não identificada nº1	Pessoa não identificada nº2
Olheiro	Rio
Coro de transeuntes	Narradora

(Entra uma atriz, sem jeito, fica olhando o público. Faz menções de cumprimentar as pessoas, mas para no meio dos gestos. Ela busca outra, como que buscando alguém para salvá-la da situação de constrangimento. Se empurram, ambas sem jeito, para ver quem começa falando.)

Atriz a - Então, oi. Boa tarde. A gente tá bem feliz que vocês vieram. A gente tá... bem feliz... que vocês... vieram (*sorriso "amarelo"*), mas acontece que (*gesticula, como se tentasse desenvolver, mas não conseguiu*)... Como é que a gente diz isso?! Sendo que vocês estão aqui... e a gente tá bem feliz, bem feliz mesmo... mas acontece que

Atriz b (*interrompendo*) - Não teremos espetáculo. Pronto, foi.

(Pausa constrangedora. Entra outra atriz, aos rompantes.)

Atriz c - Como é que é?

Atriz b - (*Óbvio*) Nós não teremos o espetáculo.

Atriz c - Não, não, não. Eu tô quase pronta. Só falta colocar o meu calçado. Só.

Atriz a - Nós estamos qua-se prontas, logo não teremos espetáculo, entende?!

Atriz d - Eu não sei se me encaixo no quase.

Atriz e - Eu também não.

Atriz c - Quem se encaixa no quase pronta?

(Entram as demais atrizes e se distribuem em “categorias”.)

Atriz a - Pra lá quem tá quase, pra ali quem tá pronta total e ali quem não tá definitivamente pronta.

Atriz b - Gente, uma pergunta muito importante antes de qualquer coisa: cês gostam de gema mole ou gema dura?

(Se inicia um jogo de junções em grupos a partir de algumas questões. Ele começa devagar e vai, aos poucos, aumentando o ritmo.)

Atriz d - Quem tem entre 20 e 30 anos?

Atriz a - Quem é natural de Santa Catarina?

Atriz e - Quem tem irmãos? Eu tenho só oito!

Atriz b - Quem é mãe?

Atriz d - Quem tem um fim?

(As atrizes sentam, exceto a atriz que fez a última pergunta. Ela olha o horizonte. Ao baixar o olhar, vê um guarda-chuva. Dirige-se até ele, segura-o cobrindo-se.)

Atriz e - Toda criança deveria viver dias de sol.

(Fecha o guarda-chuva, utiliza-o como bengala, transformando sua postura, curvando-se, como se o tempo pesasse em suas costas. Dá-se um jogo de troca das cadeiras.)

Vó - Cadê o netinho da vó? Ein? Cadê?

Netinho - Vó! *(Abraça-a com força)*

Vó - Menino, a vó vai cair desse jeito.

Netinho - Eu te seguro, vó.

Vó - Eu tenho uma tarefa muito especial para você...

Netinho - Sou muito bom em tarefas especiais. É uma missão super secreta, vó?

Vó - É! Somente os muito inteligentes, corajosos, fortes... assim como você são capazes de fazer.

Netinho - O que é? O que é?

Vó - Eu tenho aqui, tchan, tchan, tchan...

Netinho - Fala, vó!!!

Vó - Uma sacolada de roupas pra você estender pra vó.

Netinho - Aaaaaaah. Achei que era uma missão.

Vó - Ajuda a vó, a vó tá véiaaaa, dói tudo e tu é muito forte, não é?

Netinho - Tá bem, vó.

(Entram as demais atrizes, caminhando lentamente, param, olham a vó.)

Coro de atrizes - Tá bem, vó.

(Alternadamente, lêem a carta⁴ para a criança que foram e vão estendendo no cenário.)

- “Venho me recordar de quando eu era apenas uma menina...Hoje com 24 anos dentro de uma prisão lamento não ter curtido mais a minha infância. Se eu pudesse voltar atrás, ao menos para dizer algumas mínimas palavras, eu diria: Vá em busca dos seus sonhos, mas não deixa a criança de dentro de você morrer.”

- “Hoje, em 2019, te escrevo com o intuito de dizer-lhe que venha a brincar mais com o vovô Pedro, a estar mais presente na vida dos seus irmãos menores. Nos folguedos, nas brincadeiras dar mais de si mesma e ser mais amorosa com papai e mamãe.”

- “Como é bom brincar com os amigos: brincar de taco, mestre mandou, carrinho de rolimã, bolinha de gude. Quando eu brincava com minha irmã sempre queria

⁴ Os textos das cartas são trechos das cartas escritas pelas participantes da oficina.

ser o Ken...até que chegava a comida, eu deixava a brincadeira de lado. Brincava de polícia e ladrão, eu sempre era o ladrão...”

- “Minha mãe deveria ter me dado mais atenção, me sentia muito sozinha.”

- “Gostaria de dizer a você, de 25 anos atrás, o quanto você é linda, carinhosa e amiga. Não fica triste, se culpando por não ter sua mãe. Ame mais seu pai, seus irmãos e as pessoas que cuidam de você.”

- “Por que você não fica mais em casa com seus pais e para de ficar na rua com tua amiga? Dá mais atenção a eles, eles ficam tristes porque você não fica com eles. Também vou ficar. Tá bom?”

- “Enfim, que seja feliz sendo quem você é!”

Netinho - Toda criança deveria viver dias de sol.

Barulho de chuva.

Vó - Véio! Véio, oxé. Ta carimbando o sofá com a bunda, homem. Vamos sair!

Vô - Olha esse tempo, véia. Vamos ficar quietinho...

Vó - Mas teu neto gosta de bolinho de chuva em dias como hoje. (*Sedutora*) Com canela...

Vô - Com açúcaaaaaaar...

Vó - O médico disse que cê não pode, meu véio.

Vô - A gente não conta pra ele, não. Com bastante açúcar.... Vamos fazer esses bolinho!

Vô - Véio, véio. A gente tá sem nada na dispensa. Tem que ir na quitandinha.

Vô - Ah, então vai lá, minha véia. Vô fica aqui descansando só mais um bocado.

Vó - Ooo, seu preguiçoso! A gente vai ali em dois toques.

Vô - Tá bem, tá bem. Me ajuda a levantar?

Vó - Tás pesado! Eia.

Vô - Vamo, vamo.

(Vão saindo, caminhando lentamente.)

Vó - Ihhhhh, esqueci uma coisinha.

(Jogo de idas e vindas, que vai deixando o Vô impaciente. Ele começa balançando a perna, até balançar o corpo todo ao final da movimentação da Vó.)

Vó - Minha niqueleira.

(Dão mais um passo lento.)

Vó - Aaaaah, minha memória! Só um segundinho. *(Recua)* Minha mantinha! Tá frioooo.

(Mais um passo.)

Vó - Aaaaaah, sim! Pera só. *(Recua)* Teu casaquinho e teu chapéu... pra não deixar as orelha à mostra.

(Mais um passo.)

Vó - O guarda-chuva!!! *(Recua)* Não vamos tomar friagem, né.

(Volta e busca o guarda-chuva. Abre, se intensifica o barulho da chuva. Foco no casal. Ambos seguram o guarda-chuva e iniciam um balanço, como se o vento estivesse muito forte. Uma atriz entra, retira suavemente o guarda-chuva do casal e inicia uma movimentação com ele, como se estivesse flutuando no ar. Outras duas atrizes entram e retiram o chapéu do Vô e o chapéu da Vó e fazem uma movimentação como se os acessórios dançassem no vento. A Vó repousa sua bolsinha no chão. As atrizes que fazem o Vô e a Vó retiram a mantinha e o casaco e unem-se à movimentação.)

(Entra o Netinho correndo.)

Netinho - Vó? Vô? A bolsinha da Vó!

(Corre de um lado ao outro do palco, até esbarrar na Pedra. A Pedra é hippie.)

Netinho - Aieeee!

Pedra - Lá vem: “no meio do caminho tinha uma pedra”⁵. Eu já estou cansada de ser responsabilizada por tudo, sempre. Tudinho...Caiu, a culpa é a da Pedra. Algo desabou, a culpa é da Pedra. Algo quebrou, a culpa é da Pedra. A Pedra isso, a Pedra aquilo. Mas vou te dizer...

Netinho - Eu...

Pedra - Silêncio, por gentileza. Você nem pediu desculpas por bater em mim, por me pisar. Agora vai escutar. Estou aprendendo a expressar a minha agressividade, sabe? Dar limites...Sabe o que ninguém fala sobre a Pedra? É que o caminho é feito dela... que para ver por cima de um muro, que foi feito de Pedra, somente outra Pedra. Não é no meio do caminho, é o caminho.

Netinho - Dona Pedra...

Pedra - Menino, estou falando! É uma lição bem importante. A chave é que a Pedra não tem perna, não tem mão. A Pedra é matéria. E quem molda a matéria? Para quê?

Netinho - Nunca tinha pensado nisso, Dona Pedra. Bem interessante. Só que tô procurando meus avós... Tô preocupado, não leve a mal, não.

Pedra - Menino, menino. A Pedra vê tudo, tá no começo, no meio e no fim. Não ouviu?

Netinho - E onde eles foram?

Pedra - Menino, eles se desfizeram em gotas.

Netinho - Como?

Pedra - Foi a Água, eles escorreram, passaram pela Pedra e seguiram caminho.

Netinho - Mas como encontro eles?

Pedra - Vai ter que procurar, a Água toma muitas formas. A Água escorrega, não se deixa segurar.

⁵ Trecho da poesia *No meio do caminho*, de Carlos Drummond de Andrade.

Netinho - Obrigada, Dona Pedra.

(Segue caminhando. A Placa o interrompe, ela é manezinha⁶.)

Placa - Psiuuuuu. Psiiiiui. Ô queridux, queridux.

Netinho - Oi?

Placa - Ó-lhó-lhó!

Netinho - Você viu por onde foram meus avós?

Placa - Dijahoje!

Netinho -É? E pra onde eles foram?

Placa - Segue reto toda vida.

Netinho - Pra que lado?

Placa - Vou dizete uma coisinha pra ti! Tás moscando.

Netinho - Eu tô perdido.

Placa - Não vás mófash cá pomba na balaia. Direto toda vida.

Netinho - Pra cá?

Placa - Ishtepô! Visse?

Netinho - Eu queria ajuda.

Placa - Táish tôlo, tásh? Reto toda vida. É o que digo: se quém, quém, se não quém, dix.

(O Netinho deixa a Placa falando e segue sua busca.)

Netinho - Eiiii! Eiiii! Dona Árvore? Licença.

⁶ Gentílico popularmente usado para se referir as nativas de Florianópolis.

Pessoa⁷ - Que árvore, guri? Baaaaaa. O que tu andou comendo para falar com árvore? Cada um que me aparece.

Netinho - Eu tô procurando meus avós.

Pessoa - Estou aqui no silêncio paradisíaco e aí tu aparece. Olha, tchê. Eu queria só ler meu livro, me desenvolver intelectualmente. Me dê licença.

Netinho - É que eu pensei que você poderia ter visto eles...

Pessoa - Tava para tomar meu chimarrão, comer minhas bergamotas, ler meu livro em paz.

Netinho - Eu precisava...

Pessoa - Mas tu é xarope!

Netinho - Meus avós viraram água, eu quero achá-los.

Pessoa - Me caiu os butiá do bolso com essa. Mas te acalma, vivente.

Netinho - Eu não sei o que fazer...

Pessoa - Baaaaaaaaaaaaaa? Toca ficha, guri.

Netinho - Acho que tô tocando. Seguindo reto toda vida?

(A Pessoa coloca o livro no rosto e só gesticula. O Netinho segue.)

Netinho - Ali eu não entro. Ah, não.

(Começa a escurecer, barulhos de animais noturnos, clima tenso. O Netinho titubeia, mas vai a passos curtos até a entrada da casa da Bruxa. Batida na porta.)

Bruxa - Quem é?

Netinho - Sou eu, Dona Bruxa.

Bruxa - O que queres?

⁷ Depois de dialogar com elementos da natureza e objetos, o Netinho acredita encontrar uma árvore, dada a postura inerte, mas trata-se de uma pessoa – a Pessoa.

Netinho - Tô procurando meus avós.

Bruxa - Pode entrar.

(Barulho de porta rangendo, tensão. Surpresa ao encontrar uma senhora angelical, meiga.)

Netinho - Oi, Dona Bruxa.

Bruxa - Entra, criança. *(Mexendo seu caldeirão)*

Netinho - Você poderia me ajudar? Meus avós se transformaram em água.

Bruxa - Claro. Vou precisar que me alcance a abóbora. Isso! Agora a cebola. O gengibre também. Alecrim. HUUUUUM... Muito bem!

Netinho - O que mais?

Bruxa - Tá pronto.

Netinho - O que eu faço?

Bruxa - Agora você come.

Netinho - Quê?

Bruxa - Come essa sopa, dorme um pouco e amanhã cedinho você vai até o rio, aquele que dá no mar. Preciso de um pote de água. Daquela água. *(Risada maquiavélica, seguida de sorriso angelical)*

Netinho - O que eu faço com essa espera, Dona Bruxa? O que eu faço durante a espera?

(Entra uma atriz, com um calendário de folhas. Enquanto fala, desfolha o calendário.)

Atriz e - O que eu faço com essa espera? O que eu faço durante a espera?

(Entram atrizes carregando espelhos. As faces dos espelhos são voltadas à plateia.)

Narradora - O menino acordou durante a noite, sentia falta dos avós. Caminhou pela casa, até encontrar uma sala coberta de espelhos. A bruxa fazia seus feitiços, suas curas, olhando para as cicatrizes, para as marcas que trazia no corpo, tirava

máscaras, desenhava novos significados.

(Projeção de partes do corpo com escritos sobre o ato de maquiarse, sobre as marcas do corpo.)

Netinho - Um pote de água do rio que dá no mar. Um pote de água do rio. Um pote de água...qualquer? (*Topa com a Poça d'Água*)

Poça d'água - E aí, maninho? Beleza?

Netinho - Mais ou menos. Tô a caminho do rio que dá no mar. Mas é tão longe.

Poça d'água - Éeee, cansaço só de pensar.

Netinho - Sabe o que eu pensei, Poçinha d'água?

Poça d'água - Falae, parça.

Netinho - Eu preciso de um pote de água do rio que dá no mar. Um pote de água do rio. Um pote de água... qualquer?

Poça d'água - Saquei tua lógica, mas não precisa me chamar de qualquer, não, ein. Um pouco de consideração, jovem.

Netinho - Desculpa, desculpa.

Poça d'água - Tá de boa, fica sussa.

Netinho - Então, cê me dá licença?

Poça d'água - Vai na fé, vai na fé.

(O Netinho retira um frasco de vidro e pega um pouco de água da Poça. Volta à casa da Bruxa.)

Bruxa - Que rápido, criança.

Netinho - Tá aqui. (*Mãos trêmulas*)

(A Bruxa pega o frasco, analisa, abre a rolha e, antes de virar no caldeirão, questiona o Netinho.)

Bruxa- Essa água não é a água que eu te pedi, não é?

Netinho - É que, Dona Bruxa...

Bruxa - Você queria me enganar, criança?

Netinho - Eu queria um caminho mais fácil. Eu tava cansaço, pensei que ia dar na mesma...

Bruxa - Não trarei mais seus avós.

Netinho - Perdão, perdão. Sei que errei. Mas me dá mais uma chance?

Coro de atrizes - Me dá uma segunda chance?

(O Netinho caminha, marcando os passos no mesmo lugar, mudança de luz para simbolizar a passagem do tempo. Para, exausto. Olha ao longe uma pessoa pedindo carona na beira da estrada.)

Netinho - Oi, tudo bem? Tá há muito tempo aí?

Caroneira - Nada, acabaram de me deixar aqui na estrada. Me ajuda aí a fazer o sinal!

(Entram cinco atrizes que posicionam as cadeiras, construindo um carro. Três ficam, sentam-se.)

Motorista - Pra onde vocês tão indo?

Caroneira - Pra PQP!

Motorista - Vamos passar perto. Subam.

Caroneira - Moleque, me ajuda aqui. *(Coloca uma caixa pesada em suas mãos, o Netinho vai cambaleando até o porta-malas)*. Ei, vocês dentro do carro, mais alguém para ajudar? Tenho umas coisinhas aqui.

(Enche o porta-malas. Entra com uma caixa no carro, apertando as demais.)

Caroneira - Vamos colocar uma música? Tá parecendo que estamos indo para um velório.

Motorista - Olha, eu estou há hoooras dirigindo, com dor de cabeça, com sono. Sem condições.

Caroneira - Tranquilo, nem precisa mesmo. Mas, gente, vocês não têm algum salgadinho? Tô com fome.

Motorista - Tá achando que eu sou *Uber*? Não quer uma balinha também?

Caroneira - Olha, se tiver, mas eu não gosto de qualquer uma não...

Netinho - Eu acho que você está incomodando...

Caroneira - Eu? Sou uma benção no caminho de todos vocês! Eu preciso dessa carona? Preciso. Mas vocês precisam da minha companhia.

Filha da Motorista - Aé? Me conta essa novidade...

Caroneira - Não te parece óbvio? É que eu sou muuuuito legal. Todo mundo adora estar comigo. Mas, nem vamos ficar me elogiando, porque não sou, definitivamente, o tipo de pessoa sem noção, que adora ser bajulada. Aaaaah, meu pé tá doendo tanto. Vou só colocar ele pra cima, ok?!

Motorista - Epa, olha minha cabeça.

Caroneira - Ah, claro. Vou tirar a bota.

Filha da Motorista - Que cheiro de rato morto!

Filha Menor da Motorista - Manhêeeee!

Caroneira - Mas que criança fofaaaaaaa. (*Aperta as bochechas, a criança choraminga*) Moça, moça, para o carro!

(*Parada brusca.*)

Motorista - O que foi?

Caroneira - Pastel e caldo de cana! Tô sem dinheiro, mas vocês podem me fazer esse agrado, né.

Filha da Motorista - Que folgada! Manda descer, mãe. Eu não aguento mais essa

criatura.

Netinho - Senhora?

Motorista - Silêncio, se não vou pôr os dois pra fora!

(Bocejos da Motorista e da Filha da Motorista, quase adormecem.)

Caroneira - Gente, não vai dar. Vou ter que cantar, tô sentindo um clima pesado.

Um elefante incomoda muita gente,

Dois elefantes incomodam incomodam muito mais.

Três elefantes incomodam muita gente,

Quatro elefantes incomodam incomodam incomodam incomodam muito mais.

Motorista - Chega!!! Todo mundo descendo.

(Barulho de centro de cidade grande. Caminhada rápidas.)

Netinho - *(Tentando falar com algum dos transeuntes)* - Licença, moço?

Coro de Transeuntes - *(Param)* Não posso, tô com pressa. *(Retomam a caminhada)*

Netinho - Oi?

Coro de Transeuntes - Hoje não, não tenho nenhum trocado.

Netinho - Você poderia me dizer onde fica o rio que dá no mar?

Coro de Transeuntes - Não te entendi.

Netinho - Você sabe onde fica o rio que dá no mar?

Coro de Transeuntes - Não te escuto. Não tenho tempo. Não te entendo. Não posso ajudar. Sai do meu caminho.

Netinho - É que estou perdido.

Olheiro - Que maravilha!!! Se você chorasse um pouquinho... *(Enquadra o rosto do menino com as mãos)* ia ser perfeito!

Netinho - Desculpa, moço. Tô cansado e só quero achar meu caminho.

Olheiro - Mas teu caminho está se fazendo agora. Vem comigo. (*Mudança de luz, maquiadores, arrumação do set. O Olheiro fica com a mão no ombro do menino, como que guardando uma presa.*)

Apresentadora - No programa de hoje duas convidadas ilustríiiiissimas! Vem com a gente no Nada sobre a minha vida! Sejam bem-vindas! Apresento-lhes Pessoa não identificada número 1 e Pessoa não identificada número 2.

(*Palmas, gritinhos.*)

Apresentadora - Pessoa não identificada número 1, você gostaria de se apresentar ao nosso público que tanto te aguardou?

Pessoa não identificada número 1 - Não.

Apresentadora - Muito bem, muito bem. Ela é muito simpática, não é, pessoal? E você, Pessoa não identificada número 2?

Pessoa não identificada número 2 - Eu não quero falar sobre mim. Mas queria só corrigir: me chamem de Pessoa que não quer se identificar.

Pessoa não identificada número 1 - Eu também NÃO QUERO me identificar.

Apresentadora - Ah, ok, ok. (*Gesticula apontando e tentando assimilar os novos "nomes"*) Então, (*toca no ombro da antiga Pessoa não identificada número 2*) você, Pessoa que não quer se identificar número 1, e, você (*tocando no ombro da antiga Pessoa não identificada número 1*), Pessoa que não quer se identificar número 2.

Pessoa não identificada número 1 (*Cochicha com a outra*) - Não, não. Precisamos fazer uma última correção: não nos atribua números. (*Olha para o público*) Eu não sou um número.

Atriz c - Senhoras, senhores, desculpem. Mas se vocês estavam buscando saber como se dá nossa vida dentro da prisão, ávidos por causos e curiosidades, por gentileza, podem voltar para casa. Havia uma expectativa, não é mesmo? Mas nós precisamos quebrar com esse horizonte de expectativa que aponta para o esperado. Nessa história, ainda a ser escrita, todas nós somos atrizes, todas nós, se juntas, podemos criar algo que não o esperado.

(*Cada uma das atrizes entra e estende uma roupa que usava quando estava em liberdade.*)

- Eu sou (*cada uma dirá seu nome*). Se nos encontrássemos ou, se nos encontrarmos, lá fora do teatro, na rua, talvez eu esteja vestida mais ou menos assim. Prazer em te conhecer.

Apresentadora - Vamos para o nosso próximo quadro, um quadro de utilidade pública, porque nós temos sim compromisso com você aí de casa! Exclusivo: criança é abandonada em casa pelos avós. (*Puxa a criança pelo braço*) Olha a cara de desolação desse menino. Por onde andarão os responsáveis? Estaria ela passando fome? Frio?

Netinho - Senhora, eu só queria...

Apresentadora - Sim, criança, nós, que temos compromisso com você aí de casa, vamos achar seus avós. Se você souber de alguma notícia, ligue para nossa central 99999999. E agora vamos ao nosso colaborador... (*Segue gesticulando. O Olheiro retira o Netinho da frente dos holofotes*).

Netinho - Eu queria descobrir o caminho.

Coro de atrizes - Posso te ajudar.

(Entram duas atrizes, que fazem um jogo com cadeiras, através da movimentação, com o Netinho. Uma coloca uma cadeira numa linha mais próxima à parte da frente do palco, o Netinho sobe, outra coloca outra cadeira, na qual ele dá um segundo passo e assim sucessivamente, até chegar ao outro lado do palco atravessando as cadeiras.)

Netinho - O rio!

Rio - Que felicidade em me ver ein!

Netinho - Senhor Rio, preciso muito de um pouco de água para levar para a Dona Bruxa, pra trazer meus avós.

(O Rio sorri e faz menção de permissão. O Netinho enche seu frasco.)

Netinho - Dona Bruxa, Dona Bruxa!

Bruxa - Conseguiu, minha criança!

(Pega o frasco, coloca na altura do coração do Netinho e depois derrama em sua fronte. O Netinho passa as mãos no rosto. Confundem-se as lágrimas com a água mágica. O vento sopra forte, há uma movimentação com as vestes dos avós, até sua colocação nas

atrizes, até a volta dos avós.)

Netinho - Vó! Vô! (*Abraçam-se*)

Vó - Nós voltamos porque precisávamos nos despedir e precisávamos te contar uma lição antes da nossa partida. A água pode tomar muitas formas, mas ela precisa sempre seguir o seu caminho. Logo vai voltar a chover. Não tenha medo da água, não. A chuva faz crescer, ela limpa, acaricia a pele, cura feridas. Nossas memórias podem virar gotas de água, se infiltrar nos solos. Depois quando parecem não mais existir, depois de evaporarem, quem sabe amanhã seja o dia que elas cubram nossa face novamente. Talvez ontem o que foi dor, possa ser cura. Talvez nossas memórias transformadas em gotas façam barulho nos tetos. Talvez possam cair em terrenos férteis e fazer crescer novas ideias, outros futuros.

Vô - A gente tem que ir, meu neto. O vô e a vó te amam.

Atriz a - De alguns momentos, pessoas, coisas, atos, palavras precisamos aprender a deixar ir, a nos despedir. Ou, até mesmo, como a vó contou ao menino, precisamos aprender a transformar, como a água. Em nosso quintal está nascendo um dente de leão. “Uma flor rasgou a rua desafiando a inércia cinza do ódio”⁸. Nós não acreditamos em um fim único. Esperamos que vocês também não.

Narradora - A bruxa fez a magia trazendo os avós de volta. Entretanto, os avós não eram mais os mesmos, estavam tristes e calados. Ao serem perguntados quanto ao porquê de estarem tristes eles contaram que encontraram o espírito da água; e que ele estava furioso com a bruxa que havia gerado um dia de maldição, pois ela não sentia mais a força da água. O menino abraçou a bruxa num gesto de gratidão, por ela ter trazido seus avós. E ao ver a tristeza dela se pôs a chorar, pedindo uma segunda chance para a relação dela com o espírito da água. Ela foi suplicar aos céus para que o espírito da água a perdoasse. E o céu respondeu trazendo a chuva. Ela sentiu o perdão através das gotas que caíam em sua face. Com esse encontro, os avós saíram da tristeza em que se encontravam. Abraçaram o neto e retomaram a busca dos ingredientes para fazer o bolinho de chuva. A chuva pode ser doce?

Atriz d - Nós desfolhamos o calendário, como quem sopra um dente de leão. Um dente de leão é símbolo da liberdade. Ela há de raiar. Uma memória pode se desfazer em água, mas uma memória precisa de sol, de muito sol. Uma memória pode estar guardada dentro de uma carta, de uma mala, de um canto, de um corpo e ela precisa ser aberta ao mundo, iluminada. Raiar demanda trabalho e nós

⁸ Trecho da música *Como una flor*, de Francisco, El Hombre.

estamos raiando.

(Áudio, projeção ou leitura da carta para o futuro produzida pelas participantes. Ou, ainda, abertura de um varal que sai do palco e atravessa o teatro com as cartas.)

Atriz a - Hoje não podemos ler a nossa carta para o futuro na rua, mas vocês podem.

Recebido em: 15/10/2020

Aprovado em: 02/12/2020

Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC
Programa de Pós-Graduação em Teatro – PPGT
Centro de Arte - CEART
Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas
Urdimento.ceart@udesc.br